

Terê	Olá! É um prazer estar aqui, abraços de chegada! Eu sou Teresinha Menezes e as tecnologias sociais criadas pelas comunidades e povos tradicionais como forma de facilitar a vida e o trabalho no cerrado é o tema do episódio 7 de Aqui É Meu Lugar.
Vinheta Abertura	
Terê	Quando os ancestrais das comunidades que agora vivem nos territórios do Cerrado no Sul do Piauí ali chegaram eram raras as vezes em que se deslocavam para a zona urbana mais próxima.
Mulher 1 -	Eu mesma quando fui conhecer uma cidade, a primeira vez que fui na cidade eu acho que eu tinha 15 anos, 16 anos. Essa primeira vez que eu fui, foi tocando jumento com meu pai e minha irmã. Pra ir na cidade, as pessoas só iam mesmo quando ia vender alguma coisa, pra fazer algum trocado pra comprar uma coisinha pra casa, era o sal, o fósforo, mas toda as outras coisas tudo era do mato. O pessoal largou mais de tocar jumento foi quando aconteceu esta estrada aí de Santa Filomena pra Gilbuês.
Terê	As comunidades encontravam na natureza quase tudo o que precisavam para as atividades na roça e no lar. Mas a partir da necessidade desenvolveram técnicas que deram formas a essas matérias primas. É o que chamamos de tecnologia social.
Mulher 1	Até o fogo à vezes eles arrumavam e usavam as pedras que dava fogo, tirava o fogo daqueles bingo. O sal às vezes pegava da serra, muita gente pegava sal era na serra pra comer quando faltava o sal do mercado.
TERE	Uma das mais importantes matérias primas utilizadas pelas comunidades para criar tecnologia era o buriti; Além dos alimentos produzidos pelo fruto do buriti, muitas outras partes dessa árvore, da família das palmeiras, eram utilizadas com muita sabedoria. Com o <i>talo</i>, por exemplo, é feito o tapiti.
Mulher 1	Um artesanato que já vem lá de longe, dos mais velhos, meus avôs, meus pais. Sei que eles inventaram esse tapiti do talo pra enxugar a massa pra depois torrar, colocar no forno, tirar aquela montoeira da água das massas pra poder passar no forno pra virar farinha, secar a massa pra passar no forno pra virar farinha.
Terê	No tapiti, que é uma espécie de cano flexível, se coloca a massa da mandioca para enxugá-la.

Mulher 1 -	Aí fazia também o surrão, surrão era uma vasilha pra colocar coisa também, esse era da imbira, do olho do buriti. aí fazia a trança e da trança costurava e fazia aqueles coiso que chamava surrão. Seria pra botar farinha, pra botar o milho, botar qualquer coisa que a gente quisesse botar. Tempo do meu pai ele carregava carga no jumento aí eles usavam o surrão pra colocar conforme o que fosse, farinha, arroz, feijão, qualquer coisa, o milho. Eles colocavam no surrão e amarravam aquelas cargas, botava no jumento pra carregar. Ainda fiz pro pai ainda.
TERE	Em todo o território piauiense encontramos relatos de nossos ancestrais semelhantes a estes no sul do Piauí. Eram as mãos das bisavós e tataravós que fabricavam o que precisavam para se alimentar, se vestir, além de utensílios como por exemplo, a rede para descansar e a corda para amarrar e pendurar a rede.
Mulher 1	Da imbira que fazia o surrão a gente faz a esteira também. A gente tirava a fita do olho do buriti, fazia o tecido, a armaçãozinha, puxava aquelas linhas, aquelas fita e depois ia entrançar. Colocava nas camas, boinha pra gente deitar. Colocar no chão pra deitar, sentar, era bem boinha. Dessa mesma trança que a gente fazia as bizogas, chamava bizoga que a gente pegava o arroz na roça no cacho, amarrava essa bizoga na cintura aí, ia pegando os cachos de arroz e colocando na bizoga. Quando enchia a gente ia colocar lá, despejava em outra vasilha.
música	
Mulher 1	Tira o olho do buriti, destala e daquela imbira, tem gente que também faz vassoura, fica uma vassourinha macia, boa para varrer chãozinho duro. A gente fazia corda também, da fita que tirava do olho do buriti e da imbira também. A corda do tamanho que quiser, corda de rede, pra amarrar carga, qualquer coisa.
música	
TERE	Outra árvore importante para a vida das comunidades rurais distante das cidades era o timbó.
Mulher 2	O timbó é uma fruta, eu sempre apanhava mais minha avó levava pra casa, tirava a fruta dele e botava de molho e daí ela fazia o sabão.
Alici	Ao ver sua avó fazer o sabão o que você achava interessante?
Mulher 2	O sabão era lindo, o sabão de timbó eu achava bonito, achava bonito de cor e o sabão saia bem cheiroso.

música	
Mulher 2	Minha avó faleceu, aí eu tinha 11 anos aí já tem uns 29 anos que ela faleceu e eu não aprendi com ela o sabão de timbó. Hoje eu tenho uns 39 anos, aí passei pra fazer o sabão de pinho.
Alici	Por que ele é melhor do que o sabão de timbó?
Mulher 2	Ele é um sabão líquido e o sabão de timbó é de bolo e é mais ruim pra lavar e o sabão líquido, você coloca de molho o pano e daí sai o grude todinho, fica melhor pra gente lavar.
TERE	Nossos ancestrais criavam suas próprias tecnologias em harmonia com a natureza do Cerrado. Foram eles e elas quem desenvolveram uma criatividade própria e inventaram o que precisavam em seus territórios para depender menos dos centros urbanos.
Mulher 1	Mais pra cá já inventaram as prensas, que é aquelas que coloca as varinhas, forrava, coloca a massa, aperta e sai a água também. Aí largaram mais o tapiti, mas ainda hoje o povo usa o tapiti ainda. Mas quando vai fazer a farinhada maior usam mais a prensa mesmo, mais massa é mais rápido pra enxugar. é o tapiti com massa mais pouca como a puba, a farinhada era mais a prensa mesmo. Prensa é mais rápido sim. No tapiti- uns 3, 4 ou 5 tapiti pra dar uma torrada. Na prensa só uma prensa e já dá uma torrada.
Tere	O trabalho coletivo, em mutirão, faz parte das tecnologias sociais que garantem a permanência das comunidades em seus territórios.
Homens	Farinhada se junta todo mundo junto. O João vai ficar com a farinha dele e vai ajudar a fazer a minha. Não precisa pagar ele, a farinha é dele, só vim ajudar ele. Não preciso levar uma parte da farinha do João pra comensar meu serviço. Quando for fazer a minha ele vai lá, trabalha mais eu, se for um dia dois dias, o que ele puder. Um só faz com dificuldade. Quando é mais de dois faz mais rápido.
Música	
TERE	A construção de estradas no meio rural proporcionou o acesso a muitas ferramentas produzidas pela indústria. Mas a prioridade para as comunidades é a titulação de seus territórios. Através da titulação, é possível acessar a financiamentos, por exemplo, para tratores e outros insumos.

	Com isso, o trabalho é facilitado, o que gera mais tempo livre para outras atividades, incluindo o lazer.
Sobe música	
TERE	As entrevistas deste episódio foram feitas por Alici Nunis da Silva, Fábio Pitta e Teresa Paris. O roteiro e a edição da terceira temporada de Aqui é meu lugar são de Daniela Stefano. Agradecemos todas as pessoas envolvidas nesta temporada. Encerramos a terceira temporada de Aqui É Meu Lugar na certeza de que continuaremos sendo presença ao lado dos povos e comunidades tradicionais do cerrado piauiense, fortalecendo suas memórias, resistências e esperanças. Sigamos nessa jornada pela vida! Um abraço fraterno.
Vinheta Encerramento	